

"QUANDO DIZER É FAZER"¹: UMA LINGUAGEM FEMINICIDA COMPARTILHADA EM CASOS DE ASSASSINATOS DE MULHERES NO ESTADO DO PARANÁ

"HOW TO DO THINGS WITH WORDS": A FEMINICIDE LANGUAGE SHARED IN CASES OF MURDERS OF WOMEN IN THE STATE OF PARANÁ

PRISCILLA PLACHA SÁ²

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil.
priscillaplacha@terra.com.br

BRUNO AMARAL MACHADO³

Centro Universitário de Brasília, Uniceub, Brasil.
brunoamachado@hotmail.com

-
1. A expressão é a alusão à tradução de uma das obras de John L. Austin que será usada como parte da referência teórica no presente artigo, cujo título original é *How to do things with words*. Assim, na versão em inglês do título do artigo foi mantido o nome da obra em inglês e não uma tradução literal da expressão.
 2. Doutora em Direito do Estado pela UFPR (2013). Mestra em Direito Econômico e Social pela PUCPR (2005). Especialista em Direito Processual Penal pela PUCPR (2002). Graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba (1999). Professora Adjunta de Direito Penal da PUCPR (licenciada). Professora Adjunta de Direito Penal da UFPR. Professora Colaboradora do Programa de Mestrado e Doutorado em Direito da UFPR. Vice-Chefia do Departamento de Direito Penal e Processual Penal da UFPR. Currículo Lattes: [http://lattes.cnpq.br/5772348783494506]. ORCID: [https://orcid.org/0000-0002-3697-4590]. E-mail: priscillaplacha@terra.com.br
 3. Professor da graduação e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Direito do Uniceub. Master Europeu Sistema Penal e Problemas Sociais e Doutor em Direito (especialidade Sociologia Jurídico-penal) pela Universidade de Barcelona. Estágio de pós-doutorado no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Promotor de Justiça do MPDFT. Currículo Lattes: [http://lattes.cnpq.br/6719883195099829]. ORCID: [https://orcid.org/0000-0002-7425-7066]. E-mail: brunoamachado@hotmail.com

SÁ, Priscilla Placha; MACHADO, Bruno Amaral; MENDES, Soraia da Rosa. "Quando dizer é fazer": uma linguagem feminicida compartilhada em casos de assassinatos de mulheres no estado do Paraná. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*. vol. 205. ano 32. p. 241-272. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2024. DOI: [10.5281/zenodo.13685124].

SORAIA DA ROSA MENDES⁴Centro Universitário de Brasília, Uniceub, Brasil.
soraia@soraiaamendes.com.br

Recebido em: 15.09.2022

Aprovado em: 01.04.2024

Última versão dos autores: 11.04.2024

DOI: [10.5281/zenodo.13685124].

ÁREA DO DIREITO: Penal

RESUMO: O presente artigo parte da hipótese de que há uma linguagem feminicida – como regime de comunicação, tal como proposto por Rita Laura Segato, em fratrias mafiosas – nos casos de feminicídio doméstico ou íntimo, que é compartilhada tanto pelo que se fala quanto pelo que se faz, inscrita na pedagogia da crueldade. A fim de explicar a questão, apresentam-se, para além da base teórica que sustenta a reflexão, resultados de pesquisa com método quantitativo-qualitativo, indicando a presença de qualificadoras relativas ao meio e ao modo de realização de feminicídios tentados e consumados identificados em uma amostra inicial de 300 casos com denúncia oferecida perante o sistema de justiça criminal do Estado do Paraná. Desses casos, em que prevalecem as ocorrências no ambiente doméstico e tendo no autor alguém com relacionamento pretérito ou atual, ou pessoas do sexo masculino do grupo familiar, percebe-se que o uso da violência extrema é partilhado

ABSTRACT: The present article stems from the hypothesis that there exists a femicide language – as a communication regime as proposed by Rita Laura Segato in mafia fratries – in cases of domestic or intimate femicide, shared both by what is spoken and what is done, inscribed in the pedagogy of cruelty. In addition to the theoretical foundation that underpins our discussion, we present our research findings from a quantitative-qualitative method, indicating the presence of qualifiers related to the means and mode behind attempted feminicides and feminicides identified in an initial sample of 300 cases, compiled from legal complaints filed in the criminal justice system of the State of Paraná. In these cases, in which we find a high prevalence of occurrences in the domestic environment where the male perpetrator either has a past or current relationship with the victim or belongs to the family circle, we detect a shared use of extreme violence by men; this prompted us to analyze

4. Pós-Doutora em Teorias Jurídicas Contemporâneas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Doutora em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília – UnB. Mestra em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora Associada do PPG Mestrado e Doutorado em Direito do Centro Unificado de Brasília – UniCeub. Advogada criminalista especialista em direitos das mulheres.

Currículo Lattes: [http://lattes.cnpq.br/6101794465780378].

ORCID: [http://orcid.org/0000-0002-6188-9216].

E-mail: soraia@soraiaamendes.com.br

SÁ, Priscilla Placha; MACHADO, Bruno Amaral; MENDES, Soraia da Rosa. "Quando dizer é fazer": uma linguagem feminicida compartilhada em casos de assassinatos de mulheres no estado do Paraná. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, vol. 205, ano 32, p. 241-272. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2024. DOI: [10.5281/zenodo.13685124].

pelos homens; nesse ponto, perquirirem-se as motivações que envolvem os fatos, sobretudo estudando casos com indicação de insanidade mental ou suicídio – tentado ou consumado. Desse conjunto, a partir da expressão “quando dizer é fazer”, permite-se afirmar a existência de uma linguagem feminicida a partir de elementos comuns entre si, especialmente através de expressões e motivações que ratificam a existência de um regime de comunicação fratriárquica entre sujeitos desconhecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Feminicídio – Linguagem – Comunicação fratriárquica – Crueldade.

cases with indicators of mental illness or suicide by the perpetrator, attempted or completed, in order to investigate the motivations involving the facts. Thus, from the expression. “How to do things with words”, it is possible to affirm the existence of a femicide language based on elements common to each other, especially through expressions and motivations that reveal a patriarchal communication regime between unknown individuals.

KEYWORDS: Femicide – Language – Patriarchal communication – Cruelty.

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Percurso metodológico no território do Paraná. 3. Resultados: a linguagem feminicida como comunicação fratriárquica. 3.1. O fazer: meios e modos de assassinar mulheres. 3.2. O dizer: por que foram feitos?. 4. Análise de dados: quando dizer é fazer. 4.1. O dizer: “se você não é minha, não é de mais ninguém”. 4.2. O fazer: “morre, morre, morre”. 4.3. Quem diz e quem faz?. 5. Linguagem feminicida como regime de comunicação fratriárquica em feminicídios domésticos. 6. Considerações finais. 7. Referências bibliográficas. 8. Legislação.

1. INTRODUÇÃO

A busca pela nomeação do assassinato de mulheres encontra no feminicídio íntimo ou doméstico (PASINATO, 2011; LAGARDE, 2006) as primeiras demandas dos grupos de pressão, a partir da utilização da expressão *femicide* usada por Jane Russell, em 1976, ao testemunhar perante o Tribunal Penal Internacional de Crimes contra Mulheres. Após uma série de inserções acadêmicas e políticas, juntamente com Jill Radford, foi publicada uma coletânea de artigos com o nome: *Femicide: the politics of woman killing* (RADFORD; RUSSEL, 1992).

Entre as diversas motivações que postulavam tal nomeação, como a exigência de uma posição estatal preventiva e responsabilizadora diante dos assassinatos e o reconhecimento do fenômeno, estava o fato de que a figura jurídica “homicídio” não expressava – pela linguagem – o assassinato de mulheres. Demandava-se que as mulheres é que deviam nomear suas experimentações e vivências (ROMIO, 2019).

A ausência de uma posição política oficial em face dos assassinatos de mulheres é o mote da demanda, tanto por se entender tal fenômeno como compartilhado com o Estado, especialmente no contexto da América Latina (LAGARDE y DE LOS